

Bombas causam medo em escola de Ceilândia

Deise Leobet
Da equipe do **Correio**

Apesar dos muros com quase três metros de altura, assaltos, estupro e até atentados à bomba viraram parte da rotina dos 1,8 mil alunos do Centro Educacional 06, na EQNP 16, no P Sul. Nos últimos seis dias, a explosão de duas bombas caseiras em salas de aula da escola espalhou medo entre funcionários e alunos. O poder de fogo das bombas era semelhante ao de granadas.

A polícia agiu rápido e, no final da tarde de ontem, policiais da 23ª Delegacia de Polícia conseguiram identificar o suspeito de ter provocado as explosões. É o menor P.R.M.C., 17 anos, mais conhecido como *Índio*, que recentemente foi expulso da escola por ter sido flagrado com uma arma dentro da sala. Revoltado, ele teria jogado as bombas para se vingar de professores e colegas.

As explosões ocorridas nos dias 13 e 18 deste mês foram a gota d'água para pais, alunos e professores que, ontem pela manhã, cancelaram as aulas e realizaram um protesto do lado de dentro dos portões. Eles pediram mais segurança para pôr um fim

no caos que tomou conta da escola nos últimos três anos.

Assustados com a onda de violência, alguns professores decidiram pedir transferência e ameaçam se demitir, caso não consigam mudar de escola. "Cheguei a um ponto em que tenho medo de chamar a atenção de aluno, porque não sei se esse aluno é um marginal, assaltante ou ladrão", disse a professora Cristiane Brito Costa. "Quando entro em sala já começo a tremer".

A professora tem motivos de sobra para justificar seu pânico. Na última sexta-feira 13, a primeira bomba foi jogada na sala 06, onde ela dava aula para os 50 alunos do primeiro ano do 2º grau. A explosão aconteceu por volta das 20h20, no momento em que Cristiane corrigia um exercício sobre fenômenos físicos e químicos. A violência do impacto sacudiu alunos, derrubou carteiras e cadeiras e abriu um buraco na parede lateral.

Com o estrondo, que foi ouvido por moradores há mais de 200 metros da escola, um garotinho de apenas nove meses de idade, filho de uma das alunas, começou a gritar. Quando uma espessa nuvem de fu-

"JÁ CHEGUEI A OUVIR DE ALGUNS QUE ELES PREFEREM TER FILHOS ANALFABETOS, MAS VIVOS DENTRO DE CASA, DO QUE MORTOS NA ESCOLA"

Ivete Valente Lima
professora de biologia

maça e poeira invadiu a sala, outra estudante, grávida, foi tomada pelo desespero. O pânico rapidamente se espalhou e, aos gritos, os alunos tentavam deixar a sala. Na confusão, um grupo de estudantes ficou entalado na porta, impedindo que outros saíssem para o corredor.

Estilhaços de uma bomba caseira, à base de pólvora, foram encontrados pelos peritos da polícia que foram até o local. Na terça-feira à noite, por volta das 21h, novos momentos de terror. Desta vez, na sala 05.

A explosão de uma outra bomba, com as mesmas características da primeira, quebrou vidraças e abriu um buraco do tamanho de uma bola de futebol na parede lateral da sala. O forte impacto fez com que cacos de

vidro fossem arremessados sobre os 45 alunos. As estudantes Wesla Siqueira Lemos Silva, 20 anos, e Célia Maria Costa Silva, 17 anos, que estavam sentadas na fileira late-

ral, ao lado das janelas, desmaiaram. Wesla sofre de problemas do coração. Mas, por sorte, as duas tiveram apenas ferimentos leves.

"Parecia que um botijão de gás tinha explodido", contou o estudante Moisés Gonçalves Borges, 17 anos, vice-presidente do grêmio estudantil. "O medo de vir para a escola é geral". Dois policiais militares e três civis se encontravam do lado de dentro dos portões, quando a segunda bomba explodiu na terça-feira.

ASSASSINATO

As marcas dos últimos anos de violência estão por toda a parte. Em janeiro do ano passado, a sala dos servidores foi batizada com o nome do vigia Manoel Isidoro, depois que ele

foi assassinado a facadas dentro da secretaria da escola. "Eu não quero virar nome de sala nenhuma", disse a professora de biologia Ivete Valente Lima, 35 anos. "Eu quero segurança para continuar viva".

Ela contou que há menos de dois anos menores colocaram uma bomba dentro do carro de uma professora da escola. Por sorte, a bomba explodiu antes de ela abrir a porta, mas o Escort vinho recém-comprado foi completamente destruído. "Até hoje não pegaram os culpados", disse. Ivete disse que alguns pais ameaçaram tirar os filhos da escola. "Já cheguei a ouvir de alguns que eles preferem ter filhos analfabetos, mas vivos dentro de casa, do que mortos na escola".

A diretora da regional de ensino de Ceilândia, Najla Veloso Sampaio Barbosa, foi ontem até o Centro Educacional nº 06. Pediu calma e disse que tentaria conseguir reforço na segurança. Um dia por semana, por causa do rodízio feito pelo Batalhão Escolar, a escola fica sem policiamento. Os professores não ficaram satisfeitos com as promessas da diretora. "Queremos soluções já", disse a professora de biologia.